

FILOSOFIA DA LUCIDEZ

Notas do Outro Lado da Porta

*o que as experiências de quase-morte
insinuam sobre nós*

André Rigonato

Primeira edição digital · Julho de 2026

SUMÁRIO

Abertura — Antes de Começar

Parte 1 — O Fenômeno

- 1 · O Que Acontece Nesses Poucos Minutos
- 2 · Por Que Não é Como um Sonho
- 3 · Alucinação, Cérebro ou Janela?

Parte 2 — O Que as Pistas Sugerem

- 4 · Uma Língua Para Cada Povo
- 5 · O Que Elas Levam Embora
- 6 · As Que Voltam Assustadas

Parte 3 — O Mérito e o Mistério

- 7 · Nem Toda Alma Chega da Mesma Forma
- 8 · Saber Não Liberta
- 9 · O Que Não Dá Pra Saber

Parte 4 — Conversas com as Tradições

- 10 · Cristianismo, Budismo, Espiritismo: O Que Cada Um Acerta
- 11 · E Se Não Houver Nenhuma Religião Certa?

Parte 5 — Um Exercício de Imaginação

- 12 · Tempo e Destino
- 13 · Física e Consciência
- 14 · O Vazio e o Sentido
- 15 · Nós, Como Espécie

Epílogo — Uma Fresta, Não Uma Porta Aberta

ABERTURA

Antes de Começar

Há um instante, entre o último batimento e o próximo — quando existe um próximo —, em que algumas pessoas dizem ter visto algo. Uma luz, um corredor, um rosto que reconheceram sem nunca ter visto antes. Depois voltam. E o que trazem na volta é, há décadas, uma das perguntas mais desconfortáveis que a ciência e a fé insistem em fazer juntas: e se for verdade?

E se você está pensando que já conhece este livro — mais um que promete provar que existe vida após a morte, ou desmascarar de vez que não —, deixe-me te segurar pelo braço por um instante: não é essa a viagem. A pergunta "é verdade?" é só o portão de embarque, e vamos atravessá-lo logo nos primeiros capítulos. O destino é outro, e fica num território que quase ninguém visita: o que essas experiências *insinuam sobre nós*. Por que o transcendente parece falar uma língua diferente para cada povo? Por que quem volta de lá quase nunca volta igual — e, ainda assim, tantas vezes volta triste? O que esses relatos sugerem sobre mérito, sobre as religiões, sobre o tempo, sobre o sentido — e sobre o que fazer com a vida enquanto ela é nossa? Este livro é menos uma

tese e mais uma travessia. Se você embarcar, a paisagem muda a cada parte.

Mas toda travessia honesta começa com o guia dizendo de onde parte. Então vou ser honesto com você desde a primeira página: eu acredito que sim. Não escrevo este livro de cima do muro, fingindo uma neutralidade que não tenho. Depois de anos acompanhando esse tema — centenas de relatos lidos e assistidos, entrevistas com gente que não tinha nada a ganhar contando o que contou, os estudos, os documentários —, a explicação de que tudo isso é apenas química cerebral foi ficando, para mim, mais difícil de sustentar do que a alternativa. Sei que isso não é consenso científico, e não vou fingir que é. Mas todo ser humano tem os seus vieses, e a honestidade intelectual não consiste em fingir que não os temos — consiste em declará-los e, depois, argumentar às claras. Este é o meu. O caso completo contra o materialismo eu já desenvolvi longamente em outro livro, *O Muro e a Porta*, e não vou repeti-lo aqui.

Dito isso: você não precisa acreditar em nada para ler este livro. Ele não foi escrito para te arrastar até o meu lado da questão. O cético de carteirinha, aquele que já decidiu de antemão que nada disso merece dez minutos de atenção, dificilmente vai abrir este livro — e está tudo bem. Ele foi escrito para os

curiosos: os que acreditam, os que duvidam e os que oscilam entre uma coisa e outra dependendo do dia. Porque mesmo que você conclua que a experiência de quase-morte é só o cérebro apagando as luzes, sobra um fato incômodo: ela é uma das vivências mais transformadoras que um ser humano pode atravessar. Pessoas reorganizam a vida inteira depois dela. E um fenômeno capaz disso diz alguma coisa sobre nós — seja ele uma janela para o além ou o espelho mais profundo que a mente já produziu.

E aqui está o primeiro desconforto que este livro não vai esconder: muita gente que viu esse "outro lado" — e voltou convicta de que a alma sobrevive, de que existe algo maior, de que o amor é o centro de tudo — ainda assim volta deprimida. Passa meses mal. Chora sem saber exatamente por quê. Se a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter não é suficiente para livrá-lo do sofrimento de viver, talvez a pergunta nunca tenha sido só sobre o que existe depois da morte. Talvez seja sobre o que fazemos com o tempo que resta antes dela.

É esse o convite: pensar junto. Como quem espia por uma fresta — sem saber ao certo o que está do outro lado, mas sabendo que espiar já muda alguma coisa em quem olha.

PARTE 1

O Fenômeno

O Que Acontece Nesses Poucos Minutos

Antes de perguntar o que essas experiências significam, vale perguntar algo mais simples: o que, exatamente, elas são? Quantas pessoas passam por isso? E o que costuma acontecer nesses minutos entre a vida e o que quer que venha depois dela?

A primeira surpresa é a escala. Não estamos falando de um fenômeno raro, restrito a místicos ou a pessoas especialmente sugestionáveis. Pesquisas conduzidas em diferentes países estimam que algo entre 10% e 20% das pessoas que chegam perto da morte relatam uma experiência de quase-morte — e, entre sobreviventes de parada cardíaca, alguns estudos encontram números ainda maiores. O trabalho mais citado da área talvez seja o do cardiologista holandês Pim van Lommel, que acompanhou 344 pacientes reanimados após parada cardíaca em hospitais da Holanda: 18% deles relataram uma experiência desse tipo. Estudos com quem passou por doenças que ameaçaram a vida chegam a estimativas maiores ainda — e, no caso de crianças, algumas pesquisas retrospectivas sugerem que a maioria das que estiveram à beira da morte viveu algo assim. Traduzindo: em qualquer hospital, num dia qualquer, é razoavelmente provável que

alguém ali tenha atravessado essa fronteira e voltado. Você provavelmente conhece alguém que passou por isso. A questão é que essa pessoa talvez nunca tenha contado.

Porque essa é a segunda surpresa: o silêncio. Boa parte de quem vive uma experiência de quase-morte demora anos para falar sobre ela — pesquisadores relatam intervalos de cinco, dez anos entre o evento e a primeira vez que a pessoa conta. O motivo é quase sempre o mesmo: medo. Medo de parecer louco, de virar piada na família, de ouvir do médico que foi "só o remédio". Durante a maior parte do século XX, esses relatos ficaram trancados na gaveta da vergonha. Foi só a partir dos anos 1970, quando o termo "experiência de quase-morte" foi cunhado e os primeiros estudos apareceram, que as pessoas começaram a descobrir que não estavam sozinhas — e a internet, décadas depois, escancarou isso de vez: hoje existem acervos com milhares de relatos catalogados, e qualquer pessoa pode passar uma noite inteira ouvindo testemunhos em vídeo, na voz e no rosto de quem viveu.

E o que essas pessoas contam? Um relato típico soa mais ou menos assim — e cada frase abaixo aparece, com pequenas variações, em centenas de depoimentos:

"Eu percebi que estava fora do meu corpo, olhando a cena de cima. Vi os médicos trabalhando em mim, ouvi o que diziam. Não senti medo — senti uma paz que eu nunca tinha sentido. Então fui puxado por uma espécie de túnel, em direção a uma luz que não machucava os olhos. Era como ser amado por todos os lados ao mesmo tempo. Encontrei pessoas — meu avô, que morreu quando eu era criança, estava lá. Revi a minha vida inteira, não como um filme que se assiste, mas como algo que se sente: senti o que as outras pessoas sentiram por causa de mim. Em algum momento, entendi que não era a minha hora. Eu não queria voltar. Mas voltei."

Sair do corpo. O túnel. A luz acolhedora. O encontro — um parente morto, uma figura sagrada, um ser que a pessoa não sabe nomear mas reconhece. A revisão da vida, quase sempre sob uma ótica de compaixão, não de tribunal. A fronteira que não se pode cruzar. A volta indesejada. Pesquisadores como o psiquiatra Bruce Greyson desenvolveram escalas justamente para medir a presença desses elementos, porque eles se repetem demais para serem ignorados — atravessam países, religiões, idades e níveis de escolaridade.

É preciso dizer com honestidade: nem toda experiência segue esse roteiro completo. Há quem viva só um ou dois desses elementos; há variações

culturais na forma de descrever cada um; e existe uma fatia significativa de relatos angustiantes — experiências de vazio, escuridão ou tormento — que este livro vai encarar de frente mais adiante, no capítulo 6 (*As Que Voltam Assustadas*), porque fingir que elas não existem seria trapacear. Mas a recorrência do núcleo — paz, saída do corpo, luz, encontro, revisão, retorno — é grande demais para ser coincidência editorial de quem conta a história depois.

E é exatamente essa recorrência o primeiro dado bruto sobre o qual todo o resto deste livro se apoia. Porque ela levanta uma pergunta que o próximo capítulo vai encarar: se isso fosse simplesmente a mente produzindo imagens, como nos sonhos, não deveríamos esperar o contrário — que cada um visse uma coisa completamente diferente?

CAPÍTULO 2

Por Que Não é Como um Sonho

Todo mundo sonha. Poucas pessoas, ao acordar, sentem necessidade de escrever um livro sobre o que viram. E quando contam, os sonhos de duas pessoas raramente se parecem: um sonha que está voando, outro que perdeu os dentes, outro que faz uma prova para a qual não estudou. Não existe um "roteiro universal do sonho" que a humanidade

compartilhe. Cada sonho carrega a assinatura pessoal, caótica e simbólica de quem o sonhou — e é por isso que ninguém funda uma linha de pesquisa para investigar por que tantas pessoas sonham com o mesmo lugar. Elas não sonham.

As experiências de quase-morte não funcionam assim, e essa diferença é o coração deste capítulo.

Pesquisadores que revisaram relatos de dezenas de culturas — da Melanésia à Índia, do Ocidente cristão ao Extremo Oriente — encontraram, por trás das diferenças de linguagem, um núcleo estrutural de uma estabilidade notável. O que muda de cultura para cultura é a roupagem; o que permanece é a arquitetura. Um estudioso do tema propôs uma imagem que resume bem o achado: é como se todos visitassem a mesma aldeia, mas cada um a descrevesse com as casas da sua terra — cabanas de palha para uns, sobrados de pedra para outros, prédios para os urbanos. A aldeia, porém, é reconhecidamente a mesma. O elemento "encontro com uma figura acolhedora" aparece em toda parte; se essa figura é chamada de Jesus, de antepassado ou de ser de luz, depende de quem narra — um tema tão rico que ganhou capítulo próprio mais adiante neste livro — o capítulo 4, *Uma Língua Para Cada Povo*.

Aqui é preciso ser honesto com o leitor: existe um debate acadêmico real sobre o tamanho dessa

convergência. Críticos como o filósofo Keith Augustine argumentaram que a diversidade cultural dos relatos é maior do que os entusiastas admitem, e que isso enfraqueceria a ideia de que todos estão vendo o mesmo lugar. Os pesquisadores que responderam a essa crítica apontam duas coisas: primeiro, que a divergência se concentra na interpretação, não na estrutura; segundo, que a objeção pressupõe, sem justificar, que um "outro lado" real teria que ser idêntico para todos — uma regra que ninguém estabeleceu. Registro o debate porque ele existe e porque este livro prometeu não esconder as arestas. Mas registro também o que me parece o placar honesto: mesmo os críticos reconhecem que há elementos compartilhados; a discussão é sobre o quanto, não sobre se.

E há outros traços que afastam essas experiências do território do sonho. O primeiro é a memória. Sonhos evaporam em minutos — quem nunca perdeu um sonho no meio do café da manhã? As lembranças de quase-morte fazem o oposto: permanecem vívidas por décadas, com uma nitidez que os próprios experienciadores descrevem como "mais real que a realidade". Quando pesquisadores reentrevistaram pessoas quase vinte anos depois da primeira entrevista, encontraram relatos essencialmente idênticos — sem inflação, sem dramatização acrescentada, o que é exatamente o contrário do que

a memória costuma fazer com histórias que a pessoa gosta de contar. E estudos de laboratório que analisaram as características dessas lembranças chegaram a um resultado curioso: elas se comportam, nos testes, como memórias de eventos vividos — não como memórias de coisas imaginadas. O cérebro as arquiva na estante das coisas que aconteceram.

O segundo traço é o efeito. Aqui vale uma pergunta de bom senso, quase estatística: quantas pessoas você conhece que mudaram de profissão por causa de um sonho? Que perderam o medo da morte por causa de um sonho? Que escreveram um livro — a primeira e única obra da vida delas — para contar um sonho? Agora inverta: entre as pessoas que passaram por uma experiência de quase-morte, isso é o padrão, não a exceção. Gente que nunca escreveu nada sente urgência de registrar aqueles minutos. Gente que media a vida em conquistas materiais reorganiza tudo. Se sonho e quase-morte fossem o mesmo tipo de evento mental, essa diferença brutal de consequências seria um mistério à parte. Alguma coisa nessas experiências carrega um peso de realidade que o sonho — mesmo o mais vívido — não carrega.

Existe, é claro, uma complicação interessante, e ela nos leva direto ao próximo capítulo: certas

substâncias, como a DMT, produzem relatos com sobreposição temática significativa em relação às quase-mortes — luz, entidades, sensação de morrer, algo parecido com revisão de vida. O cético lê isso como prova de que tudo é química. Mas note que a mesma evidência aceita a leitura inversa: se existe uma "chave química" capaz de abrir essa porta, isso é prova de que a porta é fabricada pela chave — ou de que a chave apenas destranca algo que já estava lá? É exatamente essa pergunta — cérebro que simula ou cérebro que sintoniza — que o próximo capítulo enfrenta de frente.

Por ora, o ponto deste capítulo é simples e difícil de descartar: o sonho é a prova de que a mente, sozinha, produz um caos idiossincrático e pessoal, que se dissolve ao amanhecer e não muda a vida de ninguém. A experiência de quase-morte aponta repetidamente para a mesma estrutura, grava-se como memória de coisa vivida e reorganiza existências inteiras. Podem até ser parentes. Mas não são a mesma coisa.

CAPÍTULO 3

Alucinação, Cérebro ou Janela?

Se este livro declara um viés já na abertura, então ele tem uma dívida com você: apresentar a melhor versão do argumento contrário, não um espantalho

fácil de derrubar. É o que este capítulo tenta fazer. Vamos dar ao ceticismo a cadeira da frente, deixá-lo falar tudo — e só depois eu digo por que, tendo ouvido tudo, continuo do lado da janela.

O arsenal das explicações naturais é real e merece respeito. A falta de oxigênio no cérebro (anóxia) produz túneis e luzes — pilotos de caça submetidos a força G extrema, ao perderem a consciência, às vezes relatam visões de túnel e fragmentos de euforia. O excesso de gás carbônico produz sensações de flutuação e desprendimento. As endorfinas liberadas em situações de morte iminente explicam a paz e a ausência de dor. A cetamina, um anestésico, produz experiências de dissociação do corpo. A DMT, como vimos, produz encontros com "entidades" e paisagens transcendentais — e há quem especule que o cérebro moribundo libere alguma substância parecida. Um estudo recente com mais de mil pessoas encontrou uma associação entre quase-mortes e a chamada intrusão do sono REM — pessoas cujo mecanismo do sonho "invade" a vigília relataram quase-mortes com mais frequência. Registros de laboratório captaram surtos de atividade elétrica organizada em cérebros de ratos — e, mais recentemente, de alguns pacientes humanos — nos segundos seguintes à parada cardíaca. E a hipótese naturalista mais recente, publicada em 2026, propõe que céu e inferno sejam o "sonho final":

uma última simulação interna, culturalmente condicionada, gerada pelo cérebro que morre.

É um arsenal impressionante. E, olhado de longe, parece resolver o caso: para cada peça da experiência, um mecanismo. Mas é justamente quando a gente se aproxima que os problemas aparecem — e são cinco.

O primeiro é o problema do relógio. As explicações químicas funcionam para um cérebro em crise, mas vivo. Boa parte dos relatos mais fortes, porém, vem de paradas cardíacas — situações em que, segundos após o coração parar, a atividade cerebral mensurável entra em colapso. É precisamente nesse intervalo que os pacientes relatam as experiências mais lúcidas, estruturadas e memoráveis das suas vidas. O psiquiatra Bruce Greyson, depois de décadas estudando o fenômeno, resumiu o incômodo: o desafio está em explicar como consciência complexa — pensamento, percepção, memória — ocorre exatamente nas condições em que os nossos modelos dizem que ela é impossível. Note a inversão: não é que a experiência aconteça apesar de uma pequena anomalia; ela acontece no pior momento possível para a teoria de que o cérebro a produz.

O segundo é o problema do fragmento. Cada mecanismo explica um pedaço — o túnel da anóxia, a

paz das endorfinas, as entidades da DMT — mas nenhum explica o conjunto, e eles não têm por que ocorrer juntos, na mesma ordem, milhares de vezes. Pior: quando esses mecanismos agem sozinhos, o resultado costuma ser outro. A anóxia típica produz confusão, agitação, memória fragmentada — não narrativa límpida com começo, meio e transformação de vida. O piloto de caça acorda com flashes desconexos; o sobrevivente de parada cardíaca volta com uma história coerente que repete intacta vinte anos depois. Chamar as duas coisas pelo mesmo nome é esticar o cobertor.

O terceiro é o problema da memória, que o capítulo anterior apresentou: essas lembranças se comportam como registro de evento vivido, não de evento imaginado. Alucinações hospitalares — que existem, são comuns e os pacientes também relatam — são tipicamente confusas, mal lembradas e reconhecidas depois como irreais. Os experienciadores de quase-morte fazem questão da distinção: "eu sei o que foi delírio da UTI e sei o que foi aquilo. Não é a mesma coisa."

O quarto é o problema da percepção verificada — o mais espinhoso para o ceticismo. Há um punhado de casos, documentados na literatura médica, em que pacientes descreveram com precisão eventos ocorridos enquanto estavam inconscientes:

instrumentos que não poderiam ter visto, conversas ocorridas em outra sala, detalhes checados depois com as equipes médicas. No estudo holandês de van Lommel, uma enfermeira reconheceu um paciente que, em coma profundo durante a reanimação, soube dizer depois onde ela havia guardado a dentadura dele. No maior estudo prospectivo já feito sobre consciência durante parada cardíaca, um paciente descreveu sons e eventos da própria reanimação com precisão verificada pela equipe — minutos depois de o coração ter parado. E há os relatos de pessoas cegas, algumas cegas de nascença, descrevendo experiências com conteúdo visual. Casos assim são raros, o cético dirá que são anedóticos, e cada um deles tem sido disputado linha a linha — como deve ser. Mas repare no que a explicação cética exige: que todos esses casos, sem exceção, sejam fraude, coincidência ou erro. Basta um ser verdadeiro para a conta materialista não fechar.

O quinto, enfim, é o problema da porta e da chave, herdado do capítulo anterior. Que a DMT produza experiências parecidas não decide nada: pode significar que o cérebro fabrica o outro lado, ou que existe no cérebro uma fechadura que normalmente só a morte gira — e que a química, às vezes, força. A evidência é a mesma; a leitura é que muda. E quem afirma que "parecido com efeito de droga" equivale a

"irreal" deveria explicar por que a experiência produzida no laboratório raramente transforma uma vida, e a produzida na beira da morte quase sempre transforma.

Sejamos justos até o fim: nada disso é prova matemática. O materialista honesto pode sempre recuar para "um mecanismo ainda desconhecido explicará tudo" — e essa promessa é irrefutável por construção, o que é exatamente a sua fraqueza. Depois de pesar as duas colunas, a minha conclusão é a que declarei na abertura: a hipótese da janela me parece mais provável que a hipótese do espelho. O cérebro pode ser menos um gerador de consciência e mais um receptor dela — e a quase-morte, o momento em que o sinal escapa do aparelho. Quem quiser o caso completo contra o materialismo — que vai muito além das quase-mortes — encontra em *O Muro e a Porta*, onde travei essa batalha com o espaço que ela merece.

Aqui, a partir de agora, faremos outra coisa. Deste capítulo em diante, este livro para de perguntar "é real?" e começa a perguntar algo que nem o crente nem o cético costumam perguntar: *supondo que sim* — o que essas experiências estão insinuando sobre nós? É aí que a conversa fica realmente interessante.

PARTE 2

O Que as Pistas Sugerem

Uma Língua Para Cada Povo

Numa enfermaria americana, uma senhora à beira da morte sorri de repente e diz que a mãe veio buscá-la. Numa enfermaria indiana, um homem se agita: os mensageiros de Yama chegaram para levá-lo — e ele não quer ir. Duas cenas, dois continentes, duas teologias que não se conheciam. E, por baixo das duas, a mesma gramática: *alguém veio*.

Foi para investigar isso que, nos anos 1960 e 1970, os pesquisadores Karlis Osis e Erlendur Haraldsson fizeram algo que ninguém tinha feito em escala: enviaram milhares de questionários a médicos e enfermeiras nos Estados Unidos e no norte da Índia, perguntando o que os pacientes viam e diziam nas horas finais. O resultado virou o livro *At the Hour of Death* (1977), um clássico do tema. É justo registrar as limitações — os relatos eram de segunda mão, contados pelos profissionais e não pelos próprios pacientes, e a taxa de resposta foi baixa —, mas os achados centrais se mostraram consistentes com o que estudos posteriores, em outros países, continuaram encontrando.

E o que eles encontraram foi isto: nos dois países, o visitante mais comum era um parente morto, que parecia ter vindo *buscar* a pessoa. A estrutura era a mesma nos dois mundos — alguém aparece, convida,

acompanha. O que mudava era o elenco. Nos Estados Unidos, quando a figura era religiosa, era Jesus, Maria, um anjo. Na Índia, onde figuras religiosas apareciam com mais frequência que parentes, eram os mensageiros do deus da morte — e, fiel à teologia local, houve mais casos de gente que não queria ir com eles. Cada tradição fornecia o rosto; a cena era a mesma.

Havia ainda um detalhe que merece destaque, porque desmonta a explicação mais preguiçosa. Os pesquisadores construíram um índice dos fatores que sabidamente causam alucinação — febre alta, medicamentos, certos quadros clínicos. Se essas visões fossem simples delírio, deveriam aparecer mais justamente nos pacientes com o índice mais alto. Aconteceu o contrário: os pacientes mais medicados e febris tinham *menos* visões de alguém vindo buscá-los — e mais alucinações confusas, desconexas, daquelas que todo hospital conhece. A visão do limiar aparecia de preferência em mentes claras. O delírio produz ruído; isso produzia despedidas.

E existe uma categoria de caso, registrada desde os primeiros estudos do início do século XX, que resiste até à explicação pela expectativa: os chamados casos "Peak in Darien" — momentos em que o moribundo vê, entre os que vieram recebê-lo, alguém que ele

não sabia que tinha morrido. A pessoa estranha ("mas o que ele está fazendo aqui?"), a família confere depois, e descobre que aquela pessoa havia falecido dias ou horas antes, sem que a notícia tivesse chegado. São casos raros, e o cético dirá que são anedóticos. Mas note o que eles fazem com a tese de que a visão é só projeção do desejo: ninguém projeta a morte de quem acredita vivo.

Agora, o ponto deste capítulo — e uma das intuições que me fizeram escrever este livro. Nas experiências de quase-morte, o padrão se repete e se aprofunda: hindus relatam figuras da sua tradição; cristãos, das suas; e muitos descrevem apenas "um ser de luz" que não sabem nomear — o nome vem depois, na hora de contar, emprestado do vocabulário que a pessoa tem. E há os casos que embaralham tudo: relatos de pessoas de outras religiões, e até de ateus, que dizem ter encontrado Jesus — pelo nome, sem que ninguém da sua cultura o esperasse ali.

Diante disso, existem duas leituras possíveis. A leitura cínica diz: viu? Cada um vê o que a sua cultura mandou ver — logo, é tudo fabricação. Mas essa leitura tem um problema de lógica que raramente se aponta: ela pressupõe que, se houvesse um outro lado real, ele seria obrigado a aparecer *idêntico* para todos — de preferência no formato da teologia de quem faz a objeção. Quem estabeleceu essa regra? A

leitura alternativa é mais simples e, para mim, mais elegante: o que muda não é o lugar; é a *tradução*. A mesma luz, atravessando vitrais diferentes, chega colorida de cores diferentes — e nenhuma das cores é mentira. O vitral não fabrica a luz. Ele a torna suportável para os olhos que têm.

Os antigos já suspeitavam disso. O Rig Veda, milênios atrás, dizia que a verdade é uma só e que os sábios a chamam por muitos nomes. Paulo, pregando em Atenas, apontou o altar ao "deus desconhecido" e disse aos gregos: esse que vocês adoram sem conhecer é o que vim anunciar — reconhecendo, no gesto, que o transcendente já estava em contato com aquele povo antes de qualquer missionário chegar. A ideia de que Deus fala a língua de quem ouve não é heresia moderna; é uma das intuições mais antigas da humanidade.

E o que isso *insinua* — para usar a palavra do subtítulo? Duas coisas, uma sobre nós e outra sobre Ele.

Sobre nós: que as nossas imagens religiosas talvez sejam interfaces, não fotografias. Isso deveria produzir humildade nos dogmáticos — quem jura que a sua imagem é a única confunde o vitral com a luz. Mas atenção: isso não autoriza o relativismo preguiçoso do "tanto faz, cada um tem a sua verdade". Lembre da aldeia do capítulo 2 (*Por Que*

Não é Como um Sonho): as descrições variam, mas é reconhecidamente *a mesma aldeia*. Há uma realidade ali; o que é plural é o idioma.

Sobre o transcendente — e aqui entramos no terreno do "e se" que este livro prometeu: se essas experiências forem o que parecem ser, então o outro lado tem um traço que só posso chamar de *cortesia*. Ele não exige que a pessoa aprenda a língua certa antes de ser recebida; ele fala a língua dela. Aparece para a criança de um jeito, para o monge de outro, para o ateu de um terceiro. Se isso for verdade, o transcendente parece mais interessado em ser *entendido* do que em ser corretamente *nomeado* — o que, convenhamos, é exatamente o contrário do que as guerras religiosas sempre pressupuseram.

Mas se o outro lado fala todas as línguas, a pergunta seguinte é inevitável: o que ele *diz*? Para responder, não precisamos adivinhar. Basta olhar o que as pessoas trazem na volta — e, principalmente, o que elas deixam de trazer.

CAPÍTULO 5

O Que Elas Levam Embora

Toda viagem muda a bagagem. Mas esta é a única viagem de que se volta com a mala mais leve — e é justamente pelo que falta nela que se reconhece quem foi.

Comecemos pelos dados, porque aqui eles são abundantes. No estudo holandês que citei no capítulo 1 (*O Que Acontece Nesses Poucos Minutos*), van Lommel fez algo raro em pesquisa: acompanhou os pacientes por anos. Dois e oito anos depois da parada cardíaca, sua equipe voltou a entrevistar tanto quem tinha vivido a experiência quanto quem tinha passado pela mesma parada, o mesmo hospital, a mesma quase-morte — sem experiência nenhuma. Os dois grupos mudaram; escapar da morte mexe com qualquer um. Mas as diferenças eram nítidas: quem viveu a experiência apresentava uma queda acentuada do medo da morte e uma convicção firme na vida após ela, além de mais sensibilidade emocional e empatia — mudanças que quem "só" quase morreu não apresentava na mesma medida. E o detalhe mais bonito do estudo: aos oito anos, essas mudanças estavam *mais* pronunciadas do que aos dois. Não era o susto passando; era uma semente crescendo. Enquanto isso, a lembrança da experiência continuava intacta — os pacientes a recontavam quase palavra por palavra, quase uma década depois.

Guarde a comparação, porque ela responde uma objeção inteira: não é *quase morrer* que transforma. Milhares de pessoas quase morrem e voltam as mesmas, apenas mais assustadas. O que transforma é a *experiência* — o que quer que ela seja.

E transforma numa direção surpreendentemente consistente. A literatura acumulada desde os anos 1980 desenha o mesmo retrato em países diferentes: menos apego a bens, status e competição; mais altruísmo; mais interesse pelo sentido da própria vida; mais capacidade de demonstrar amor e de aceitar os outros; uma fome nova de aprender. No estudo holandês, quanto mais profunda a experiência, mais fortes justamente os itens espirituais e sociais — o sentido da vida, o amor demonstrado, a aceitação do outro. Muitos mudam de trabalho, e a direção da mudança raramente surpreende: de carreiras de acumulação para ocupações de cuidado — o que o meu leitor brasileiro chamaria de trocar a profissão de status pela profissão do coração.

E a religião? Aqui a resposta merece precisão, porque ela desmonta os dois clichês ao mesmo tempo. Essas pessoas não voltam ateias — a crença em algo além dispara. Mas também não voltam carolas — vários estudos registram que a religiosidade *institucional* não cresce, e às vezes diminui, enquanto a espiritualidade interior se aprofunda. Voltam menos dogmáticas e mais devotas, se isso faz sentido: menos interessadas em qual igreja está certa, mais interessadas naquilo que as igrejas tentam apontar. É coerente com o capítulo anterior — quem viu o vitral por dentro briga menos

pelas cores.

Seria desonesto parar aqui, no retrato bonito. Porque a mala mais leve tem um preço, e a literatura registra esse preço também: a mudança é tão rápida e tão profunda que as pessoas ao redor não acompanham. Pesquisadores documentam raiva, depressão e estranhamento em relação a família e amigos no período de readaptação; casamentos que não sobrevivem à nova escala de valores de um dos cônjuges; empregos que perdem o sentido da noite para o dia. O marido que voltou não é o que saiu — e nem sempre a esposa assinou para viver com o novo. Vamos dedicar um capítulo inteiro a esse paradoxo mais adiante — o capítulo 8, *Saber Não Liberta* —, porque ele é grande demais para uma nota de rodapé.

Por ora, quero fechar com o argumento que me parece o mais subestimado de todo este livro. Suponha, com o cético, que tudo isso seja alucinação. Muito bem: alucinações não têm currículo. O delírio da febre, o surto, o sonho — nenhum deles ensina a mesma lição a milhares de pessoas em dezenas de países, década após década. Se a experiência de quase-morte é uma ilusão, é uma ilusão que dá aula: e a aula é sempre a mesma — ame mais, acumule menos, aprenda sempre, não tema a morte. De duas, uma: ou o cérebro humano esconde,

sob o medo e o ego, uma bússola moral que só a beira da morte destrava — o que já seria uma descoberta e tanto sobre nós —, ou alguém, do outro lado da porta, está ensinando. Escolha a leitura que quiser. As duas são extraordinárias.

Mas este capítulo contou só metade da história. Porque nem toda mala volta cheia de luz — e o próximo capítulo abre a outra.

CAPÍTULO 6

As Que Voltam Assustadas

Lá na abertura, prometi que este livro não esconderia as arestas. Esta é a maior delas: nem todo mundo volta da fronteira falando de amor. Uma minoria volta em silêncio — um silêncio pior que o dos outros — porque o que viu não foi luz.

Se os experienciadores comuns já demoram anos para contar, imagine estes. À vergonha de "vão me achar louco" soma-se outra, mais cruel: "o que isso diz sobre *mim*?" Os pesquisadores que estudaram o fenômeno relatam que essas pessoas se escondem, somem quando procuradas, se retraem. Por isso ninguém sabe ao certo quantas são: as estimativas variam de poucos por cento a uma fatia bem maior, e há razões para achar que todo número é subestimado — não se conta o que não se conta.

O que se sabe vem principalmente do trabalho de dois nomes: o psiquiatra Bruce Greyson e a pesquisadora Nancy Evans Bush — ela própria, vale dizer, alguém que carregou uma dessas experiências. Juntos, eles mapearam três tipos. No primeiro, o *inverso*, a pessoa vive os mesmos elementos da experiência luminosa — o túnel, a luz, as presenças —, mas tudo é sentido como ameaça: a luz não acolhe, persegue; a paz não chega, o que chega é pavor e perda total de controle. No segundo, o *vazio*, talvez o mais devastador: escuridão absoluta, sem direções, sem corpo, sem ninguém — a sensação de não existência eterna, às vezes acompanhada da sugestão zombeteira de que nada jamais existiu. No terceiro, o *infernai*, o mais raro: paisagens sombrias, seres hostis, tormento — o inferno das imagens clássicas.

E agora, o dado que deveria calar para sempre a teologia de tribunal de esquina: *não há correlação entre o caráter da pessoa e o tipo de experiência*. Os estudos não encontram diferença de perfil — pessoas devotas, gentis e corretas relatam vazios aterradores; pessoas de vida turbulenta relatam acolhimento e luz. Quem chegou lá por tentativa contra a própria vida — e aqui toco no assunto com o cuidado que ele exige — costuma relatar, ao contrário do que a teologia punitiva previa, experiências de compaixão; e os estudos de Greyson

apontam que essas experiências tendem a *proteger* essas pessoas depois, reduzindo o risco de novas tentativas, como se algo lá tivesse dito: a sua vida vale. Seja o que for que distribui luz e sombra na fronteira, não usa a nossa planilha.

Isso é um escândalo para os dois lados, note. Para o crente simplista, porque implode o "cada um recebe o que merece". Para o cético, porque se a experiência fosse projeção psicológica, deveria seguir a psicologia da pessoa — o culpado sonharia com culpa, o devoto com anjos. Não segue.

Há, porém, padrões *dentro* das experiências, e eles são sugestivos. O primeiro: o tipo inverso, dizem os pesquisadores, às vezes se converte no meio do caminho — a experiência aterradora vira luminosa. E os relatos de conversão têm uma estrutura recorrente: ela acontece quando a pessoa para de lutar. Enquanto há desespero por controle, há pavor; quando há entrega — um gesto interno de rendição, às vezes um pedido de socorro, uma oração —, a cena muda. Como se o quarto fosse um espelho do estado de quem entra: a resistência encontra resistência; a entrega encontra colo.

O segundo padrão é mais antigo do que parece. No século VIII — mil e trezentos anos antes de qualquer UTI —, o monge Beda registrou a história de Drythelm, um homem piedoso que, dado como

morto por uma noite, voltou transformado. Ele contou ter sido levado a um vale terrível, fogo de um lado, tempestade de gelo do outro, almas arremessadas entre os dois. E o guia que o acompanhava explicou algo decisivo: aquele *não era o destino final* — era um lugar de passagem, de purificação, de onde as almas podiam sair. Guarde isso: a mais famosa visão angustiante da Idade Média já vinha com a legenda "temporário". O Livro Tibetano dos Mortos, do outro lado do mundo, ensina o mesmo em outra chave: as figuras aterradoras do bardo são projeções — o instruído não foge delas; reconhece-as, e elas se desfazem. Duas tradições que nunca se leram, dando a mesma instrução: o terror do limiar pode não ser veredito, e sim travessia — feita, talvez, da nossa própria matéria.

O teólogo Rudolf Otto tinha um nome para isso: *mysterium tremendum* — o sagrado que, antes de consolar, apavora, porque é grande demais para o nosso tamanho. Quem leu a Bíblia com atenção reconhece: quase todo anjo que aparece começa dizendo "não temas". Por que diriam, se o encontro fosse naturalmente confortável?

O que tudo isso *insinua*, então? Deixo três leituras na mesa, e confesso que oscilo entre elas. Primeira: a experiência espelha o estado, não o mérito — quem

chega em pânico e resistência atravessa um quarto de pânico e resistência; a entrega muda a sala. Segunda: algumas dessas experiências são fase, não sentença — purgação, travessia, o vale de Drythelm; lembre que estamos falando de minutos, não da eternidade, e ninguém julga uma casa pelo corredor de entrada. Terceira, a mais humilde e talvez a mais importante: nós não conhecemos o critério. E se não conhecemos, duas teologias caem juntas — a cruel, que diz "mereceu", e a ingênua, que promete luz automática para todos. O que sobra de pé é o que este livro vem construindo desde o início: diante da fronteira, a postura que os dados recomendam é a humildade.

Devo à honestidade, porém, um acréscimo que complica essas leituras — e prefiro complicá-las a esconder. Todas as histórias de travessia e conversão que citei vêm, por definição, de quem atravessou *e voltou*. Sobre o que acontece com quem não volta, os relatos são mudos — e é aí que mora a possibilidade que ninguém gosta de pôr na mesa, mas que uma investigação séria não pode retirar dela: a de que exista, do outro lado, algo como um acerto de contas. Registro a minha intuição pelo que ela vale: um tormento *eterno* me parece difícil de conciliar com o amor que os próprios relatos descrevem no centro de tudo. Mas entre o inferno eterno dos medievais e o "tanto faz" dos modernos

existe um oceano de possibilidades — e uma delas é a de que haja contas a fechar, e que fechá-las não seja agradável. As hipóteses ficam abertas, como este livro prometeu. Inclusive as que incomodam.

E há uma prestação de contas que as pistas de fato *mostram* — e ela dispensa trono e martelo: a revisão de vida. Lembre da vinheta do capítulo 1 (*O Que Acontece Nesses Poucos Minutos*): "senti o que as outras pessoas sentiram por causa de mim". Nos relatos, ninguém é julgado de fora; a pessoa atravessa as próprias ações *pelo lado de dentro dos outros* — sente a alegria que causou como quem a recebeu, e a dor que causou como quem a sofreu. Se isso for verdade, não existe esconderijo. Não porque um olho punitivo vigie, mas porque, na hora da transparência total, você é a testemunha, o réu e a vítima ao mesmo tempo. Quem trai confianças, quem fez da mentira um método, quem construiu a vida sobre o mal alheio apostando que "aqui dentro ninguém vê", está apostando contra o elemento mais repetido de todos os relatos. E repare no paradoxo: a pessoa de conduta torta — justamente a que menos abriria um livro como este — é a que mais teria a ganhar em considerá-lo, porque descobriria antes da hora que este mundo não é o esconderijo que parece. Não estou propondo bondade por medo; medo produz obediência, não bondade — e, se as pistas apontam para algum lugar, é para um critério

que pesa o coração, não o comportamento assustado. Estou propondo algo mais sóbrio: viver de um modo que a revisão da sua vida seja suportável de assistir — do lado de dentro de cada pessoa que cruzou com você. Talvez seja essa a única prudência que as pistas realmente recomendam.

Antes de virar a página, uma palavra a um leitor específico — porque ele pode estar aqui. Se você carrega uma dessas experiências: ela não é uma marca na sua testa. A pesquisa é clara em não encontrar no seu caráter a causa do que você viu, e as pessoas que estudaram isso a vida inteira recomendam aos que escutam exatamente o que eu recomendo a você que procure — escuta paciente, sem diagnóstico apressado e sem doutrina pronta. Você não está sozinho nem marcado. Em muitos relatos, a noite escura foi só o primeiro capítulo de uma história que terminou em mais vida, não menos.

E fica armada, assim, a pergunta que governa a próxima parte deste livro. Se nem a luz nem a sombra seguem a nossa contabilidade de mérito — se o critério, existindo, não é o que usamos nos nossos tribunais e nas nossas redes sociais —, então que critério é esse? É hora de especular com coragem: talvez cada alma chegue à fronteira com uma função diferente, uma bagagem diferente, uma régua diferente. É o assunto da Parte 3.

PARTE 3

O Mérito e o Mistério

Nem Toda Alma Chega da Mesma Forma

A Parte 2 terminou com uma constatação incômoda: seja o que for que distribui luz e sombra na fronteira, não usa a nossa planilha. Pessoas que a nossa contabilidade aprovaria voltam de vazios aterradores; pessoas que ela reprovaria voltam banhadas de acolhimento. Este capítulo pega essa constatação e faz com ela o que este livro prometeu fazer: especula com coragem. Aviso de novo, porque aqui é importante: entramos agora no território do *e se*. Não estou relatando dados; estou pensando em voz alta a partir deles. Venha pensar comigo.

Comecemos pelo tribunal que todos nós carregamos. Nós julgamos as pessoas — e a nós mesmos — por um método que parece óbvio de tão universal: olhamos o histórico visível e comparamos horizontalmente. Fulano fez mais caridade que beltrano. Sicrano caiu menos que fulano. A régua é a mesma para todos, e a posição no ranking é o mérito. É assim nos nossos tribunais, nas nossas redes, nas nossas famílias — e, sejamos francos, na teologia popular de quase todas as religiões, que muitas vezes reduz o juízo divino a uma versão ampliada do nosso.

Mas e se a régua não for a mesma para todos — não por injustiça, e sim por *design*?

Pense na hipótese da função. E se cada alma chega a este mundo com uma tarefa diferente — não uma tarefa melhor ou pior, apenas *dela*? A Bhagavad Gita, milênios atrás, tocou nessa ideia com uma frase que sempre me pareceu escandalosamente moderna: é melhor cumprir o próprio dever de forma imperfeita do que cumprir com perfeição o dever de outro. Jesus contou uma parábola que aponta na mesma direção, e que a nossa cultura de ranking insiste em ler errado: o senhor que viaja entrega aos servos quantias diferentes — a um, cinco talentos; a outro, dois; a outro, um. Repare no detalhe que quase ninguém repara: o servo que transformou dois em quatro ouviu *exatamente o mesmo elogio* do que transformou cinco em dez. A nota não era pelo montante; era pelo que cada um fez com o que recebeu. E o único condenado não foi o que recebeu menos — foi o que enterrou o que tinha. Na mesma linha, quando Jesus viu ricos depositando fortunas no templo e uma viúva depositando duas moedinhas, declarou que ela tinha dado mais que todos. Mais? Aritmeticamente, é absurdo. Proporcionalmente — medindo contra o que cada um *tinha* —, é a única conta justa que existe.

Se a fronteira usa uma régua assim, o nosso ranking horizontal não é apenas impreciso; é irrelevante. A pergunta deixa de ser "quanto você fez?" e vira "quanto você fez *com o que te foi dado* — e dentro da

função que era sua?". Uma pessoa pode ter desempenhado brilhantemente uma função que aos nossos olhos parece pequena; outra pode ter fracassado dentro de uma função que aos nossos olhos parece grandiosa. De fora, é impossível distinguir.

Agora acrescento a segunda hipótese: e se o que se mede não é a posição, mas a *distância percorrida*? C. S. Lewis tem uma página que considero das mais importantes da literatura cristã do século XX, sobre o que ele chama de matéria-prima psicológica. Nós não escolhemos o temperamento com que nascemos, a casa em que fomos criados, as feridas que nos deram antes que pudéssemos nos defender. Lewis sugere que Deus não julga o produto final em termos absolutos — julga o que fizemos com a nossa matéria-prima. O homem que nasceu com um temperamento violento, numa casa violenta, e que a duras penas se tornou apenas ríspido, pode ter percorrido uma distância heroica — enquanto a pessoa que nasceu doce, em berço doce, e permaneceu doce, talvez não tenha saído do lugar. De fora, o ríspido perde o concurso. Na régua da distância, ele talvez o vença com folga. E aqui está a resposta possível para o enigma do capítulo anterior: se a fronteira mede percursos e não posições, é claro que a nossa previsão de quem "merece" luz erra o tempo todo. Estamos medindo a coisa errada.

E a terceira hipótese, talvez a mais desconcertante: e se a variável auditada for a *sinceridade*? A Escritura hebraica formula isso sem rodeios: o homem vê a aparência; o Senhor vê o coração. Levemos essa frase a sério até o fim, como o meu leitor sabe que eu gosto de fazer. Se o que se pesa é o coração, então a pessoa de conduta impecável pode estar, por dentro, apenas administrando uma imagem — a bondade como performance, o que qualquer um de nós já viu de perto e talvez já tenha praticado. E o inverso: a pessoa áspera, de vida torta, pode estar travando por dentro uma guerra sincera que ninguém vê. Não dá para saber de fora. *Não dá para saber de fora* — guarde essa frase, porque o capítulo 9 (*O Que Não Dá Pra Saber*) vai voltar a ela.

É nessa chave que eu penso, inclusive, sobre a descrença. A teologia de planilha trata o ateísmo como a reprovação automática. Mas e se algumas travessias *precisarem* passar pelo deserto da dúvida? O poeta Tennyson, chorando a morte do amigo, escreveu que há mais fé na dúvida honesta do que na metade dos credos — e eu suspeito que ele viu algo verdadeiro. A dúvida sincera de quem procura pode valer mais, na régua do coração, do que o assentimento preguiçoso de quem nunca perguntou nada. Há uma parábola para isso também: os trabalhadores contratados na última hora do dia, que receberam o mesmo salário dos que suaram desde a

manhã — para escândalo destes. O critério do dono da vinha não cabia na contabilidade linear dos empregados. Talvez o ateu honesto de hoje seja o trabalhador da última hora; talvez a fase de descrença seja, para algumas almas, o trecho de estrada que a função delas exigia. Eu não sei. Ninguém sabe. É exatamente esse o ponto.

E agora o aviso mais importante do capítulo — porque toda essa especulação carrega uma armadilha. O objetivo dessas hipóteses *não* é construir uma planilha nova, mais sofisticada, para voltarmos a julgar com ela. É o contrário: é aposentar a planilha. Repare no que acontece se função, percurso e sinceridade forem de fato as variáveis: *ninguém consegue calcular o placar de ninguém*. Nem o seu. As três variáveis são invisíveis — você não vê a função do outro, não vê o ponto de partida dele, não vê o coração dele. O fruto prático da especulação é um desarme: de um lado, esperança — a pessoa que você descartou, e talvez você mesmo, pode estar indo muito melhor do que parece; do outro, vigilância — ninguém está na frente só porque parece na frente, e a aparência de virtude não rende juro na fronteira.

Como se vive à luz disso? Três movimentos, me parece. Primeiro: parar de medir para os lados — a comparação horizontal, além de tóxica, usa a régua

errada. Segundo: medir para trás — contra o próprio ontem, que é a única distância que você consegue de fato estimar. Terceiro: cuidar da variável que é auditada — o coração, a sinceridade da intenção — porque, se as pistas apontam para algum lugar, é para lá.

Mas aqui mora uma última armadilha, e ela é sutil: a de concluir que, sabendo de tudo isso, viver fica fácil. Que basta entender a régua para caminhar em paz. A fronteira guarda uma lição final sobre esse assunto — e ela dói. É a próxima parada.

CAPÍTULO 8

Saber Não Liberta

Imagine receber a resposta. Não uma opinião, não um consolo, não uma aposta de fé — a *resposta*, entregue em primeira mão, para a pergunta que a humanidade faz desde que enterra seus mortos: a morte não é o fim, o amor é o centro de tudo, você é esperado. Milhões de pessoas atravessaram a fronteira e voltaram trazendo exatamente isso.

Agora, o fato que deveria nos deixar em silêncio: uma parte considerável dessas pessoas passa os meses seguintes deprimida. Chora sem saber dizer por quê. Olha a própria vida — a mesma que acabou de ser milagrosamente devolvida — e sente um peso que não sentia antes. Se o sofrimento humano fosse um

problema de informação, essas seriam as pessoas mais serenas do planeta. Não são. E esse "não são" é uma das pistas mais profundas de todo este livro.

Os pesquisadores têm um nome para isso: o problema da reentrada. A literatura descreve o quadro com uma consistência que impressiona: a saudade de lá — uma nostalgia de casa apontando para um lugar onde a pessoa passou minutos; a sensação de "saber demais" para continuar levando a sério o que todos ao redor levam a sério; o contraste doloroso entre o que se viu e a lentidão espessa da vida comum. Um estudo recente da Universidade da Virgínia acompanhou esse processo e encontrou o que os experienciadores sempre disseram: a integração leva anos, cerca de um em cada cinco perde amizades, proximidade familiar ou o próprio casamento no caminho — e o que mais ajuda não é tratamento, é *validação*: alguém que escute sem tratar a pessoa como doente. Um participante resumiu a solidão específica desse estado: sentia-se desperto para a realidade, mas sozinho nesse despertar. Há quem chame essa tristeza de luto espiritual — não uma doença, mas a dor de um exílio.

Antes de interpretar, quero trazer uma testemunha improvável, para mostrar que o padrão não é exclusividade mística. Buzz Aldrin pisou na Lua — o segundo ser humano na história. Voltou para a Terra

como herói planetário. E mergulhou, ele mesmo o conta em suas memórias, numa depressão profunda, agravada pelo alcoolismo. O homem que tocou o céu não sabia mais o que fazer com o chão. "Depois da Lua, o quê?" — a pergunta o perseguiu por anos. Guardadas as proporções, é o mesmo desenho: a experiência-pico não isenta do sofrimento comum; às vezes o agrava, porque transforma todo o resto da vida em descida. Quem conheceu o extraordinário paga com a dificuldade de habitar o ordinário.

Mas a tradição espiritual já sabia disso — e é impressionante como esquecemos. Paulo de Tarso escreveu, na carta mais pessoal que nos deixou, sobre um homem — quase certamente ele próprio — que foi arrebatado ao "terceiro céu" e ouviu coisas que não se podem dizer. O homem que viu. E o que vem logo depois, no mesmo trecho? O espinho na carne. Paulo conta que implorou três vezes para que aquilo lhe fosse tirado, e a resposta que recebeu não foi a remoção — foi "a minha graça te basta". O maior místico do cristianismo primitivo voltou do terceiro céu para conviver com uma dor crônica que a visão não curou. E o próprio Jesus, na leitura cristã o único que sabia *plenamente* — sem fresta, sem dúvida, com conhecimento total do que havia do outro lado —, souou angústia no Getsêmani a ponto de pedir que o cálice passasse. Pare nessa cena um instante: conhecimento pleno e angústia plena, na mesma

noite, no mesmo peito. Se saber isentasse de sofrer, o Getsêmani não existiria. O Buda, do outro lado do mundo, alcançou a iluminação — e viveu mais quarenta e cinco anos: com dores nas costas na velhice, com um discípulo que o traiu, assistindo à destruição do clã da sua própria família. A iluminação não cancelou nem a dor lombar. E o Eclesiastes, o livro mais desconcertante da Bíblia, entrega a síntese sem anestesia: quem aumenta o conhecimento, aumenta o sofrimento.

O que tudo isso insinua? Deixe-me dizer primeiro o que *desmonta*: a crença — moderna, secreta, quase universal — de que sofremos por falta de informação. É a crença que sustenta metade do mercado editorial: se eu ler o livro certo, fizer o retiro certo, entender a verdade certa, a serenidade vem. As pessoas deste capítulo *tiveram* a informação definitiva, no formato mais vívido possível — e a vida aqui continuou cobrando o que sempre cobrou. Há coisas nesta existência que não são escolha: nós vamos passar por elas, sabendo ou não sabendo o porquê. O conhecimento muda o *sentido* da travessia; não cancela a travessia.

E é aqui que a pista fica luminosa, se você aceitar me acompanhar num último "e se". Se a alma volta de lá com a resposta e ainda assim precisa atravessar o sofrimento daqui, então talvez a alma não esteja aqui

para *saber* alguma coisa. Talvez esteja aqui para *fazer-se* alguma coisa — e há coisas que o saber não atalha. Ler o edital da escola não é cursar a escola. Decorar o mapa da trilha não fortalece as pernas. Ninguém baixa músculo por download; músculo se ergue, repetição por repetição, contra uma resistência real. E se esta vida for exatamente isso — a resistência real contra a qual algo em nós é erguido —, então a depressão dos que voltaram é, ela mesma, a confirmação: eles receberam a resposta e *foram mandados de volta*. Logo, a resposta não era o ponto. O ponto é o que só o atravessar produz.

Há uma leitura gêmea, mais doce, e não escolho entre as duas porque suspeito que ambas são verdadeiras: a tristeza da volta é *saudade*. E saudade é a prova que sobra do que se viu. Ninguém sente falta do que não era bom. Cada lágrima sem explicação dessas pessoas é, lida de outro ângulo, um testemunho — o coração denunciando que conheceu um lugar melhor e foi convidado a esperar.

O fruto prático deste capítulo, para mim, é dupla compaixão. Compaixão com você mesmo: a sua dor não é prova de que você não entendeu algo, de que sua fé é fraca, de que você fracassou no curso — pode ser exatamente o dever de casa. E compaixão com os outros: o crente deprimido não é uma contradição ambulante; até os que *viram* voltaram e

choraram. Que ninguém mais ouça "se você tivesse fé de verdade, não estaria triste" — essa frase acaba de perder qualquer direito de existir.

E uma palavra de cuidado, breve e sincera: se você atravessa agora um período assim, note o que este capítulo diz e o que ele não diz. Ele diz que a sua dor pode ter dignidade e sentido; ele *não* diz que você deve atravessá-la sozinho. Os experienciadores que melhor se reintegraram foram justamente os que encontraram escuta. Procure a sua — uma pessoa de confiança, um profissional, alguém que valide antes de diagnosticar. Saber o porquê não substitui a mão dada.

Fica, então, o paradoxo armado: nem a certeza trazida de lá resolve o aqui. E isso nos entrega à última pergunta desta parte — a mais humilde de todas. Se as experiências não nos deram a serenidade automática, o que mais elas *não* podem nos dar? O que, afinal, não dá pra saber?

CAPÍTULO 9

O Que Não Dá Pra Saber

Toda investigação honesta termina com um inventário dos próprios limites. Este capítulo é esse inventário — e adianto: ele não derruba o que construímos até aqui. Ele é o que sustenta. Um livro que declarasse certezas sobre o outro lado da porta

desmentiria, na forma, tudo o que afirma no conteúdo.

Primeiro limite: o *corredor*. Uma experiência de quase-morte dura minutos — e a eternidade, por definição, não. Mais que isso: repare que praticamente todos os relatos incluem uma fronteira que *não* se pode cruzar, um ponto de retorno. Ou seja: todos os nossos dados vêm, por construção, *de antes da fronteira*. Ninguém voltou do interior; quem conheceu o interior não voltou. Julgar o além por uma quase-morte é julgar um país pelo saguão do aeroporto — e o saguão pode ser bonito ou assustador sem que isso descreva o país. O que os experienciadores viram pode ser a antessala, a triagem, um descanso da alma, uma primeira fase de muitas. O próprio Drythelm — o monge do vale terrível, lá do capítulo 6 (*As Que Voltam Assustadas*) — ouviu do guia que aquele vale terrível era *passagem*. Nada garante que a luz acolhedora também não seja — passagem para algo que nenhum relato alcança.

Segundo limite: a *tradução*. Vimos no capítulo 4 (*Uma Língua Para Cada Povo*) que tudo chega vestido com o vocabulário de quem viu. Isso significa que nós nunca temos a filmagem — temos o testemunho. Entre o que aconteceu e o que foi contado há uma mente humana, com sua cultura, sua língua, suas

imagens disponíveis. Por isso este livro se chama *Notas do outro lado da porta*, e por isso o subtítulo fala em *insinuar*: insinuações são o máximo que atravessa a fresta. Fotografias, não.

Terceiro limite: os corações são *inauditáveis*. Todo o capítulo 7 (*Nem Toda Alma Chega da Mesma Forma*) especulou que a régua da fronteira mede função, percurso e sinceridade — e reconheceu, no mesmo fôlego, que as três variáveis são invisíveis. Sejam coerentes até o fim: se não conseguimos auditar o coração de ninguém — e, nos dias difíceis, nem o nosso —, então toda conclusão sobre o mérito de qualquer pessoa, incluindo as deste livro, permanece o que sempre foi: especulação de quem olha pela fresta. Isso não a torna inútil; torna-a humilde. Há uma diferença enorme entre um mapa rabiscado a lápis e a recusa de admitir que é a lápis.

Quarto limite, o mais elegante de todos: *a amostra é filtrada por definição*. Nós só ouvimos quem voltou. Cada relato de quase-morte é, rigorosamente, o relato de alguém que não morreu. É possível que a experiência de quem atravessa de vez seja idêntica à dos que retornaram — e é possível que não. Não há como saber. A ciência chama isso de viés de sobrevivência; eu chamo de a cortina final. Ela existe, e fingir que não existe seria trair o método deste livro.

E dentro desse limite mora um mistério espelhado, que quase nunca recebe atenção: os *que não viram nada*. Eles são a maioria — na parada cardíaca, oito ou nove em cada dez voltam sem relato algum. O estudo holandês procurou o que distinguia uns dos outros — medicação, medo prévio, duração da parada, perfil psicológico — e o essencial ficou sem explicação: nada ali previa, de forma consistente, quem veria e quem não veria. Por que a fresta se abre para uns e permanece fechada para outros? Talvez nem todos passem pela mesma antessala; talvez todos passem e a memória não sobreviva à volta; talvez o próprio *ver* tenha um critério — e, a esta altura do livro, você já desconfia que ele não seria o nosso. Registro o mistério e resisto à tentação de resolvê-lo. O silêncio da maioria também é um dado, e um livro honesto não fala por cima dele.

E o quinto: o *critério*. A Parte 2 mostrou que ele não é o nosso; a Parte 3 especulou qual poderia ser; e a honestidade manda registrar que não sabemos — e que não sabemos sequer se é *sabível* daqui. Talvez seja como explicar o xadrez a quem só conhece o tabuleiro pelo buraco da fechadura.

Diante de limites assim, há três cadeiras disponíveis, e este livro escolheu a sua desde a abertura. A primeira é a do dogmático — o que sabe demais: ele

pega as insinuações e as endurece em sistema, mapa vira território, e qualquer um que descreva a aldeia com outras casas vira inimigo. A segunda é a do cínico — o que descarta demais: como não há fotografia, decreta que não há nada, e joga fora milhões de testemunhos, os padrões, as transformações, com um aceno de mão que ele chama de rigor mas que é só pressa. A terceira cadeira é a difícil: a de quem caminha com a vela que tem, sem fingir que ela é o sol e sem apagá-la por despeito de não ser. É a postura que venho chamando, em outro trabalho, de lucidez — e ela é menos uma posição do que uma disciplina: mantém-se a chama acesa e a mão firme, exatamente porque o corredor é escuro.

Deixo o fecho desta parte com quem tem mais autoridade do que eu. O homem do terceiro céu — aquele mesmo, do capítulo anterior, que viu o que não se pode dizer — foi quem escreveu, anos depois, a frase mais humilde de toda a literatura mística: *agora vemos como em espelho, em enigma*. O homem que viu foi o que avisou que não se vê. Se até ele falou assim, este livro não terá a arrogância de falar diferente.

Mas — e aqui a viagem dobra sua esquina mais interessante — admitir que ninguém tem a fotografia não significa que todos os mapas se equivalem. Há

mapas rabiscados que acertam mais esquinas que outros. E é exatamente isso que faremos agora: com os limites no bolso e a vela na mão, vamos visitar as grandes tradições da humanidade — o cristianismo, o budismo, o espiritismo, e até a ausência de tradição — perguntando a cada uma, sem idolatria e sem desprezo: *o quanto do seu mapa coincide com as pistas?*

PARTE 4

Conversas com as Tradições

Cristianismo, Budismo, Espiritismo: O Que Cada Um Acerta

Chegamos à parte da viagem em que visitamos os grandes mapas que a humanidade desenhou do território atrás da porta. E antes de bater na primeira, preciso combinar com você o protocolo da visita — porque ele é o que separa este capítulo de um panfleto.

Não vamos perguntar a cada tradição "você é a verdadeira?". Essa pergunta, o capítulo 9 (*O Que Não Dá Pra Saber*) mostrou, ninguém daqui consegue responder. Vamos perguntar outra coisa, mais modesta e mais interessante: *o quanto do seu mapa coincide com as pistas que reunimos?* Onde o desenho bate com o relato de quem espiou pela fresta — e onde ele estica além do que a fresta mostra? Cada tradição receberá o mesmo tratamento: crédito onde acerta, honestidade onde força. E aviso desde já, para que ninguém se surpreenda: eu sou cristão, o leitor sabe disso desde a abertura — e é exatamente por isso que o cristianismo será o primeiro a sentar na cadeira. Quem declara o viés paga o preço dele: rigor dobrado com a própria casa.

Primeira visita: o cristianismo.

Comecemos pelo que bate — e bate fundo. O centro absoluto dos relatos de quase-morte, repetido até a exaustão, é que o núcleo de tudo é *amor* — não força, não conhecimento, não poder. Nenhuma tradição apostou tanto nessa carta quanto o cristianismo: "Deus é amor" não é um verso periférico; é a tese. Segundo: os relatos descrevem o encontro com o sagrado como algo que primeiro *assusta pelo tamanho* e depois acolhe — e o cristianismo sabia disso a ponto de ter criado um bordão: quase todo anjo das Escrituras se apresenta dizendo "não temas". Terceiro, e para mim o mais impressionante: a revisão de vida. Lembre como ela funciona nos relatos — a pessoa sente o que causou nos outros *do lado de dentro deles*. Agora abra Mateus 25, a cena do juízo: "o que fizestes a um destes pequeninos, *a mim* o fizestes". É a mesma aritmética — o que você fez ao outro é registrado como feito ao próprio centro da realidade. A revisão de vida é Mateus 25 implementado. E o tom dessa revisão, dizem os experienciadores, não é de tribunal, é de compaixão — o que o cristianismo chama, há dois mil anos, de graça. Quarto: a sobrevivência nos relatos é *pessoal* — o avô continua sendo o avô, com rosto, humor e história. É a aposta cristã da ressurreição da *pessoa*, contra as dissoluções impessoais. E há ainda o detalhe que registramos no capítulo 4 (*Uma Língua Para Cada Povo*): o ser de luz identificado como

Cristo, às vezes por gente que não era cristã. Por fim, uma ironia histórica deliciosa: a visão de Drythelm — o vale terrível *temporário*, de passagem — é uma visão cristã do século VIII, e visões como ela ajudaram a moldar a doutrina do purgatório. Ou seja: a intuição de que o tormento pode ser travessia, e não sentença, nasceu dentro da própria cristandade.

Agora, onde o mapa força. A teologia *popular* — não necessariamente a dos grandes teólogos, mas a dos púlpitos apressados — trabalha com um binário rígido: céu para os de dentro, inferno eterno para os de fora, decidido pela filiação correta. As pistas atropelam esse desenho duas vezes. Primeiro, o capítulo 6 (*As Que Voltam Assustadas*): não há correlação entre o caráter visível (muito menos a filiação religiosa) e o tipo de experiência. Segundo, o capítulo 4: o transcendente fala a língua de cada povo — e um Deus que se dá ao trabalho de aparecer para o hindu em trajes hindus não parece o mesmo que condenaria o hindu por não ter nascido em Minas Gerais. Mas aqui devo ao cristianismo a mesma honestidade: os antídotos para esse exclusivismo estão *dentro* do próprio Evangelho, esquecidos no bolso. Em Mateus 25, os aprovados no juízo perguntam, surpresos: "Senhor, *quando* te vimos?" — eles serviram a Cristo *sem saber que era ele*. Jesus fala de "outras ovelhas que não são deste aprisco". Paulo, em Atenas, reconhece o Deus

desconhecido que os gregos já adoravam. C. S. Lewis imaginou, em *O Grande Abismo*, um inferno cuja porta está trancada *por dentro* — escolha, não sentença. O cristianismo profundo já sabia o que a teologia de esquina esqueceu.

Segunda visita: o budismo.

Aqui um fato notável antes de tudo: de todas as tradições, o budismo tibetano foi a única que escreveu um *manual de instruções* para o limiar. O Bardo Thödol — o "Livro Tibetano dos Mortos", século VIII de novo, curiosamente — não é um tratado sobre a morte; é um guia lido *em voz alta ao moribundo*, para orientá-lo durante a travessia. E o roteiro que ele descreve é constrangedoramente familiar para quem chegou até aqui neste livro: no momento da morte, desponta uma Luz Clara primordial; seguem-se encontros com presenças — serenas e iradas; há algo como o exame das consequências dos próprios atos; e existe o bardo do retorno, o caminho de volta a um corpo. Luz, presenças, revisão, retorno. Escrito mil e duzentos anos antes de o primeiro cardiologista reanimar o primeiro paciente.

E o budismo acerta onde quase todos erram: ele leva a sério a hipótese-espelho do nosso capítulo 6. As figuras aterradoras do bardo, ensina o texto, são *projeções da própria mente* — a instrução não é fugir,

é reconhecer; reconhecidas, elas se desfazem. É exatamente o padrão das experiências angustiantes que se convertem: a resistência encontra resistência, a entrega muda a sala. O budismo concluiu daí algo de uma sensatez brutal: se o estado da mente molda a travessia, então morrer é uma *habilidade* — e passou dois milênios treinando-a. Some-se o desapego da matéria (que os efeitos posteriores do capítulo 5 (*O Que Elas Levam Embora*) confirmam ponto por ponto) e até uma vertente devocional, a do Buda Amida, em que o fiel é *recebido numa luz acolhedora* por um ser de compaixão — uma cena que qualquer leitor de relatos de quase-morte reconheceria na hora.

Onde o mapa força? No ponto mais famoso da doutrina: o *anatta*, a tese de que não existe um eu permanente. As pistas são teimosas na direção contrária — as pessoas dos relatos continuam pessoas, encontram pessoas, e voltam mais convencidas da continuidade pessoal, não menos. E devo registrar também a ressalva dos estudiosos sérios: há quem avise que a comparação entre o Bardo Thödol e as quase-mortes pode ser exagerada — que o texto tibetano talvez seja metafórico, que as semelhanças de "luz" podem refletir mecanismos neurais comuns em vez de validação mútua. É a objeção da chave e da fechadura, que o capítulo 3 (*Alucinação, Cérebro ou Janela?*) já pesou — mas

registro que ela existe também aqui, porque prometi não esconder arestas.

Terceira visita: o espiritismo.

Para o leitor brasileiro, esta visita é obrigatória — o Brasil é o maior país espírita do mundo, e nenhuma tradição moderna dialogou tanto com o tema deste livro. E vou dizer algo que talvez surpreenda vindo de um cristão: *no papel*, o mapa espírita é possivelmente o que mais coincide com as pistas. Confira: sobrevivência da personalidade individual — confere. Parentes mortos ativos, presentes, vindo *receber* — o elemento mais comum de todos os relatos, e o espiritismo o colocou no centro. Nada de inferno eterno — os estados de sofrimento são temporários e pedagógicos, exatamente a leitura que Drythelm ouviu do guia. A Terra como escola, o espírito criado simples e ignorante e destinado ao aperfeiçoamento *pelo próprio esforço* — que é quase palavra por palavra a régua da "distância percorrida" que especulamos no capítulo 7 (*Nem Toda Alma Chega da Mesma Forma*). E Kardec deixou por escrito um compromisso epistêmico que qualquer cientista assinaria: se a ciência demonstrar que um princípio da doutrina está errado, a doutrina se ajusta. No papel, repito, é admirável.

Então onde está o problema? Está no que é, ao mesmo tempo, a maior força e o flanco aberto da

doutrina: a *mediunidade*. O espiritismo não diz apenas que os mortos vivem; diz que eles *ligam de volta* — que a comunicação é contínua, disponível, mediada por pessoas. E aqui a honestidade exige três registros. Primeiro: essa alegação é, na imensa maioria dos casos, inverificável — e alegações inverificáveis feitas a pessoas em luto, no momento de máxima vulnerabilidade humana, criam o mercado perfeito para o charlatanismo. Não é hipótese; é indústria — a mensagem paga, a consulta que sempre acha o parente, o consolo virando comércio. Segundo registro, por justiça: o primeiro a *denunciar* isso foi o próprio Kardec — O Livro dos Médiuns dedica páginas e páginas à fraude, aos médiuns mercenários, aos critérios de desconfiança. O fundador foi o primeiro cético da própria casa; a crítica atinge o mercado, não necessariamente a doutrina. Terceiro: há um problema de *escala do mapa*. A literatura espírita posterior descreve o outro lado com um detalhamento de urbanista — colônias, hospitais, ministérios espirituais. Pode ser tudo verdade; mas lembre do capítulo 9: a fresta mostra minutos de antessala. Um mapa mais detalhado do que o território avistado deve, no mínimo, levantar a sobancelha do leitor lúcido. E sobre a reencarnação, pilar da doutrina: as pistas deste livro nem a confirmam nem a refutam — as quase-mortes são quase silenciosas a respeito.

Existe uma linha de pesquisa vizinha, a das crianças com memórias de vidas passadas, investigada por décadas na Universidade da Virgínia — mas esse é outro dossiê, para outro livro.

Quarta visita, a mais curta: o ateísmo — a tradição de não ter tradição.

Seria covardia visitar todo mundo e pular a casa sem altar. E o protocolo vale aqui também: o que o ateísmo *acerta*? Mais do que os religiosos gostam de admitir. A alergia à fraude — que acabou de nos servir na visita anterior. A exigência de evidência — sem a qual este livro não existiria; foi ela que produziu os estudos que citamos, não a devoção. A recusa do consolo barato. E uma verdade incômoda para os crentes: muitos ateus vivem, sem saber, exatamente os valores que a luz ensina — amor, integridade, serviço — e o capítulo 7 já especulou que a dúvida honesta pode pesar mais, na régua do coração, que o assentimento preguiçoso. Onde o mapa força? Você já sabe: nas Partes 1 a 3 inteiras deste livro. E numa observação final: o ateísmo *dogmático* — o que já decidiu que nada disso merece dez minutos — senta na primeira cadeira do capítulo 9, a de quem sabe demais, exatamente ao lado do fundamentalista que ele despreza. As pontas se tocam.

Fim das visitas. E o placar? É este, e ele é o achado do capítulo: *ninguém gabarita*. Cada mapa coincide com uma região das pistas e força em outra. O cristianismo acerta o centro (amor, pessoa, graça) e força no binário; o budismo acerta o processo (espelho, travessia, treino) e força na dissolução do eu; o espiritismo acerta a estrutura (escola, esforço, temporariedade) e abre o flanco na verificação. Se você esperava que este livro coroasse um vencedor, sinto muito — e se você percebeu que a soma dos acertos desenha alguma coisa, então você já está dentro do próximo capítulo.

CAPÍTULO 11

E Se Não Houver Nenhuma Religião Certa?

A pergunta do título é uma armadilha dupla, e quero desarmá-la logo. Ela costuma receber duas respostas preguiçosas. A do dogmático: "a minha é a certa, ponto" — e vimos que nenhum mapa gabarita. A do cínico: "nenhuma é, logo é tudo invenção" — e essa conclusão comete um erro de lógica que nenhum detetive cometeria. É esse erro que este capítulo quer expor.

Imagine um julgamento. Cinco testemunhas de um acidente. Uma diz que o carro era azul-escuro; outra, que era preto; a terceira olhava de longe e viu

só o vulto; a quarta jura que eram duas batidas; a quinta discorda da hora exata. O advogado preguiçoso grita: "as testemunhas se contradizem — logo, não houve acidente!" Nenhum juiz do mundo aceita isso. Porque as divergências estão nos *detalhes* — e a convergência está no *núcleo*: todas viram um carro, uma batida, naquele cruzamento, naquela noite. Testemunhas independentes que convergem no essencial e divergem no acessório são, para qualquer tribunal, o padrão-ouro de que *algo aconteceu*. A divergência de detalhes, aliás, é o que *prova a independência* — testemunhas que dizem exatamente o mesmo, palavra por palavra, é que combinaram a história.

Agora aplique isso ao que vimos. Um monge da Nortúmbria no século VIII e os lamas do Tibete no mesmo século — que não trocaram uma carta — descrevem o tormento pós-morte como travessia temporária moldada pela própria alma. Os moribundos de enfermarias americanas e indianas — que não leram os mesmos livros — recebem visitantes que vieram buscá-los, cada qual em trajes locais. O Rig Veda e Paulo de Tarso — separados por mundos — intuem que a verdade é uma e os nomes são muitos. E milhares de pacientes de UTI, de todas as religiões e de nenhuma, atravessam o mesmo roteiro: paz, luz, encontro, revisão, volta. As tradições divergem nos detalhes — o elenco, o

figurino, a arquitetura. E convergem no núcleo. O advogado preguiçoso conclui: "se contradizem, é tudo falso". O detetive conclui o contrário: *tanta gente, tão separada, viu o mesmo cruzamento*.

Se essa leitura estiver certa, então a resposta à pergunta do título é: talvez nenhuma religião seja "a certa" — no sentido de completa, exata, com escala um-para-um — *e ainda assim todas juntas estejam testemunhando algo real*. Não é a tese de que "todas as religiões são iguais"; elas não são, e as diferenças importam imensamente para como se vive. É a tese de que elas são mapas desenhados de vales diferentes da mesma montanha — lembra da aldeia do capítulo 2, *Por Que Não é Como um Sonho?* — e que a soma dos mapas, a *repetição dos elementos*, revela o relevo que nenhum deles capturou sozinho.

E que relevo é esse? Se eu tivesse que desenhar o mapa-síntese — o núcleo em que as testemunhas convergem —, ele teria mais ou menos estas linhas: a consciência não termina com o corpo; o centro do que existe é amor, e não indiferença; há uma prestação de contas, e ela funciona por transparência, não por tribunal; o que se pesa é o percurso e o coração, não o crachá; o transcendente fala a língua de quem ouve; e a postura exigida de quem investiga tudo isso, deste lado, é humildade. Repare: cada linha desse mapa apareceu, neste livro,

vinda de uma fonte diferente — os relatos, os estudos, as tradições que nunca se leram. Nenhuma testemunha sozinha o sustenta. A soma, sim.

Devo, como sempre, as duas ressalvas. A primeira você já conhece: a convergência também aceita a leitura cética — cérebros iguais produzem visões iguais. É a chave e a fechadura de novo; o capítulo 3 (*Alucinação, Cérebro ou Janela?*) pesou os dois pratos, e cada leitor pesa o seu. A segunda é mais delicada: "então tanto faz a religião que eu sigo? Fico sem nenhuma?" Não foi isso que eu disse. Um mapa não serve só para descrever a montanha; serve para *subi-la* — e nisso os mapas diferem muito: nas práticas que oferecem, na comunidade que criam, na disciplina que sustentam, nos santos que produzem. Este livro não está fundando a religião número quatro mil e um, nem dissolvendo as existentes num caldo genérico. Está sugerindo algo mais fino: que você pode amar o seu vale *sem precisar acreditar que os outros vales não existem*.

E aqui devo ao leitor a mesma honestidade da abertura, agora em sentido inverso. Depois de tudo isso — as traduções, os vitrais, a convergência —, por que eu continuo cristão? Porque nada nas pistas me expulsou de casa; elas me *aprofundaram* nela. A luz que os relatos descrevem tem, para mim, um rosto e um nome — e o Evangelho que eu sigo é o mesmo

que esconde, em Mateus 25, a maior surpresa inclusivista já escrita: os aprovados não sabiam que tinham servido a Cristo. Se o próprio Cristo se deixa servir incógnito, quem sou eu para exigir crachá dos outros? As pistas não me pediram para trocar de vale; pediram para derrubar o muro que eu tinha construído no alto dele. E você — você pode descer desta viagem em outro vale, ou em nenhum por enquanto. Se o capítulo 7 (*Nem Toda Alma Chega da Mesma Forma*) estiver certo, a régua que importa não confere filiação; confere coração.

Com isso, os mapas estão comparados, os limites confessados, o viés declarado. O trabalho sério deste livro está feito — e é exatamente por isso que agora podemos fazer o que se faz depois do trabalho: brincar. Brincar de sério, que é a melhor brincadeira que existe. A Parte 5 solta a imaginação que as Partes 1 a 4 mantiveram na coleira: e se levarmos essas pistas até o fim — o que elas insinuariam sobre o tempo, sobre a física, sobre o sentido, sobre nós como espécie? Aperte o cinto sem apertar demais. A partir daqui, é voo livre.

PARTE 5

Um Exercício de Imaginação

Uma palavra antes da decolagem. As Partes 1 a 4 deste livro andaram de mãos dadas com estudos, relatos documentados e tradições verificáveis. Esta parte solta a mão — de propósito e com aviso. Aqui, cada capítulo parte de uma pista real e voa: leva a insinuação até onde ela iria, se fosse verdade. Nada do que segue é afirmação; tudo é o "e se" que o título prometeu. É a parte da viagem em que se olha pela janela. Aproveite — mas lembre que estamos olhando pela janela.

CAPÍTULO 12

Tempo e Destino

Começamos pela pista. Entre as frases mais repetidas por quem voltou, uma aparece com teimosia: "lá, o tempo não existia". E ela não é dita como poesia — é dita como relato técnico, quase com frustração pela falta de palavra melhor. A revisão de vida, dizem, não passa como um filme, cena após cena: a vida inteira comparece *de uma vez*, simultânea, inteira — décadas experimentadas num instante que, visto daqui, durou segundos de parada cardíaca. Alguns descrevem perguntas respondidas antes de serem feitas. E há pesquisadores que registraram algo ainda mais estranho: relatos de vislumbres do que ainda não tinha acontecido — cenas da própria vida futura que, anos depois, a pessoa jura ter reconhecido ao vivê-las.

Agora, o voo. E se o tempo — essa fila indiana de instantes em que vivemos — não for a estrutura da realidade, mas a nossa *formatação* dela? Pense num livro na estante. A história inteira está lá, simultânea, do "era uma vez" ao "fim", pronta, coexistindo. Mas o leitor só consegue recebê-la de um jeito: uma página por vez. A pergunta que a pista levanta é vertiginosa: e se nós formos o leitor — e a consciência liberta do corpo, por alguns minutos, tiver segurado o livro fechado nas mãos, sentindo o peso do volume inteiro?

Quem acha que isso é misticismo barato talvez se surpreenda ao saber de onde vem o reforço: da física. A relatividade de Einstein trata passado, presente e futuro como igualmente reais — o chamado universo em bloco, em que o "agora" é uma questão de perspectiva, não uma fronteira cósmica. O próprio Einstein, consolando a família do amigo Michele Besso que acabara de morrer, escreveu que, para os físicos, a separação entre passado, presente e futuro não passa de uma ilusão — teimosa, mas ilusão. Ele dizia isso como consolo de morte. Repare na cena: o maior físico do século usando o universo em bloco para dizer a uma família enlutada que o amigo, de algum ponto de vista real, *ainda está lá*. É quase um capítulo deste livro escrito por engano.

Mas então tropeçamos no móvel mais antigo da sala: se o futuro já existe, eu sou livre? Se a minha história está "escrita", para que escolher? Aqui, curiosamente, quem melhor respondeu foi um prisioneiro esperando execução: Boécio, filósofo romano do século VI, escrevendo *A Consolação da Filosofia* no corredor da morte. Sua solução atravessou os séculos: quem está fora do tempo não *prevê* — *vê*. Deus não assiste ao futuro antes de acontecer; assiste a tudo num presente eterno. E ver não é forçar. O homem no alto da montanha vê a trilha inteira — a curva que você fará daqui a uma hora está diante dos olhos dele agora —, mas quem escolhe cada passo continua sendo você, lá embaixo, com seus pés e suas dúvidas. Conhecimento não é causa.

E aqui a pista faz algo elegante: ela confirma os dois lados do paradoxo *dentro da mesma experiência*. O ser de luz dos relatos parece conhecer a história inteira — e, no entanto, a revisão de vida é inteiramente sobre *escolhas*. Ninguém volta de lá fatalista; voltam todos mais convencidos de que cada gesto importa, não menos. Como se a mensagem fosse: sim, o livro existe inteiro — e sim, você é quem o escreve. As duas coisas. Ao mesmo tempo. Nosso cérebro range ao tentar segurar as duas; talvez porque ele só saiba ler uma página por vez.

E o destino? Fica a imagem que os relatos insinuam, com aquele recorrente "ainda não é a sua hora": talvez o destino seja menos um trilho e mais um *compromisso marcado*. O trilho obriga o caminho; o compromisso deixa a rota livre — você pode ir pela serra ou pelo litoral, adiantar-se ou perder-se um pouco —, mas a hora e o encontro permanecem de pé. Isso explicaria por que a vida às vezes parece improvisada e, olhada de trás para frente, parece escrita: porque talvez seja as duas coisas. Improvisada nas rotas. Escrita nos encontros.

Se o tempo se dobra assim, a pergunta seguinte é inevitável: de que é feito, afinal, o tecido que se dobra? É hora de conversar com a física de frente.

CAPÍTULO 13

Física e Consciência

Este capítulo precisa começar desarmando duas bombas — uma em cada mão do leitor.

A primeira bomba é a do místico apressado: usar a palavra "quântico" como abracadabra, como se a física de partículas tivesse provado a alma, o poder da mente, a lei da atração e o que mais a palestra estiver vendendo. Não provou. Digo isso com todas as letras, porque este livro prometeu não vender fumaça. A segunda bomba é a do cético apressado: fingir que a física não mudou nada no tabuleiro —

seguir dizendo "consciência fora do cérebro é impossível porque viola a física" como se "a física" ainda fosse a do século XIX. Também não é. Desarmadas as duas, podemos conversar.

Comecemos pelo que a física *de fato* fez. O materialismo clássico foi construído sobre uma imagem: a matéria como bolinhas sólidas de bilhar, chocando-se em regras fixas, num universo-máquina onde o observador é irrelevante — um espectador atrás do vidro. Essa imagem está morta. E atenção ao detalhe saboroso: não foram os místicos que a mataram; foram os próprios físicos, no porão dos laboratórios. Desça ao subsolo da matéria e as bolinhas somem: o que há são campos, ondas de probabilidade, entidades que não têm propriedades definidas *até serem medidas*. O experimento mais famoso da física quântica mostra a mesma entidade se comportando como onda ou como partícula *dependendo de como se pergunta*. Partículas "emaranhadas" respondem uma à outra instantaneamente, a qualquer distância, como se o espaço entre elas não contasse — o fenômeno que o próprio Einstein, incomodado, apelidou de ação fantasmagórica. O chão de concreto sobre o qual o materialismo pisava revelou-se, na inspeção, uma névoa de possibilidades. O concreto era a névoa com pressa.

Agora, a honestidade prometida — porque é aqui que o místico apressado escorrega. "A observação define a realidade, logo a consciência cria o mundo!" Calma. Na maioria das interpretações da física quântica, "observação" não significa uma mente olhando; significa qualquer interação física — um detector, uma molécula de ar, qualquer coisa que "toque" o sistema. A interpretação que exige uma consciência para definir a realidade existe, tem pedigree (foi defendida por físicos do calibre de von Neumann e Wigner), mas é posição minoritária. Outras interpretações dispensam o colapso por completo. O resumo justo é este: a física quântica é *compatível* com visões em que a consciência é fundamental — mas não as *estabelece*. Quem diz mais do que isso está vendendo.

E, no entanto — repare como a paisagem mudou mesmo com esse resumo modesto. A pergunta deste livro nunca foi "a física prova a alma?". Foi outra: *a consciência sobreviver ao corpo é absurdo?* E o "absurdo" sempre foi medido contra a régua das bolinhas de bilhar: num universo de matéria sólida e local, uma consciência sem cérebro não tem onde morar. Só que essa régua quebrou. No universo que a física realmente descreve — feito de campos que atravessam tudo, de informação que não respeita distância, de um substrato que ninguém sabe dizer o que é —, onde exatamente está escrito que a

consciência precisa ser inquilina de um quilo e meio de tecido cinzento? A física moderna não abriu a porta para a alma. Ela fez algo mais sutil: demoliu o muro onde estava pendurada a placa "impossível".

E é aqui que uma velha hipótese ganha móveis novos. William James — o pai da psicologia americana — propôs, numa conferência de 1898, que talvez o cérebro não seja o órgão que *produz* a consciência, mas o que a *transmite* — como um aparelho que sintoniza e filtra um sinal que não nasce nele. Na época, a metáfora mancava: transmitir de onde, através de quê? Hoje, num universo onde campos invisíveis atravessam paredes e partículas conversam sem tocar-se, a hipótese do cérebro-receptor deixou de ser exótica — continua não provada, mas encontrou um universo onde caberia. E note o que ela faria com tudo que vimos: a experiência de quase-morte deixaria de ser anomalia e viraria *expectativa*. O aparelho falha; o sinal continua. A consciência lúcida durante o colapso cerebral — o problema do relógio do capítulo 3 (*Alucinação, Cérebro ou Janela?*) — deixaria de ser impossível e viraria o comportamento previsto: é exatamente quando o rádio quebra que se descobre que a música não morava nele. Max Planck, o pai da física quântica, foi longe nessa direção: considerava a consciência fundamental, e a matéria, derivada dela. Opinião, não teorema — mas repare em quem opina.

Fecho com a rima que não posso provar e não vou fingir que provo. A frase mais repetida da revisão de vida é: "*eu senti que tudo estava conectado — senti o que os outros sentiram como se fosse eu*". E a descoberta mais desconcertante da física do século XX é que, no porão da realidade, a separação é menos real do que parece — que coisas distantes permanecem, de algum modo, uma só. Não estou dizendo que uma coisa prova a outra. Estou dizendo que o universo revelado pelos laboratórios e o universo entrevistado pela fresta *rimam* — e que, num livro sobre insinuações, uma rima entre a física e a mística merecia ao menos ser lida em voz alta.

A física, portanto, nos dá licença para levar a pergunta a sério. Mas há uma ferida na alma moderna que nenhum laboratório fez e nenhum laboratório cura — a suspeita de que nada disso, no fim, significa coisa alguma. É hora de descer ao porão de verdade. Vamos visitar o abismo — e o homem que morou nele.

CAPÍTULO 14

O Vazio e o Sentido

Antes de discordar de Nietzsche, é preciso fazer-lhe justiça — porque poucos pensadores foram tão caricaturados por quem não os leu. Nietzsche não foi o vilão que "matou Deus" com um sorriso no rosto. A

cena que ele escreveu é outra, e é trágica: um louco acende uma lanterna *em plena manhã*, corre à praça do mercado e grita que procura Deus — enquanto os ateus da praça riem dele. E o louco então anuncia: fomos nós que o matamos, vocês e eu — e ninguém aqui entendeu o tamanho do que fez. Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? A Terra está desatrelada do seu sol; está ficando mais frio; a noite avança. Os que riem não compreendem: mataram o fundamento e continuam vivendo de juro — decência, sentido, dignidade — de um capital que já gastaram. Nietzsche não celebrava; *diagnosticava*. Ele viu o niilismo chegando como quem vê a frente fria no horizonte, séculos antes da chuva — e passou a vida tentando construir um dique: se não há sentido dado, que o homem forte *crie* o seu; que ame o próprio destino; que viva de tal forma que pudesse desejar reviver a mesma vida, eternamente, sem mudar uma vírgula.

Guarde essa última ideia — o eterno retorno como teste ético. Nós vamos voltar a ela, e você vai sorrir.

Agora, o encontro deste homem com as nossas pistas. E aviso: ele apanha e acerta, nas doses que a honestidade mandar.

Onde as pistas o atingem: no coração da aposta. Nietzsche apostou que o abismo era habitável — que a alma forte podia dançar diante do vazio, criar

sentido do nada e prosperar. Acontece que este livro *tem relatos do abismo*. O capítulo 6 (*As Que Voltam Assustadas*) os registrou: as experiências do vazio — a escuridão absoluta, a não-existência, a sugestão zombeteira de que nada jamais foi real. É o cenário niilista *experimentado por dentro*, não teorizado em esquivaninha. E o resultado é unânime: ninguém volta do vazio libertado. Voltam arrasados, descrevendo-o como a pior coisa que uma consciência pode atravessar. A psique humana, posta diante do sem-sentido absoluto, não dança — agoniza. Se o niilismo fosse nosso estado natural apenas encoberto por ilusões, o vazio deveria soar como *voltar para casa*. Soa como exílio. Curioso, não? A casa fica na outra direção. E há o detalhe do próprio fim da história: Nietzsche, o profeta da força, desabou numa praça de Turim abraçado a um cavalo açoitado — vencido, dizem alguns biógrafos, pelo excesso de compaixão que sua filosofia mandava superar. O coração dele parece ter discordado do sistema dele. Fica registrado como pista também.

Mas agora as luvas do outro lado — porque Nietzsche acerta golpes que o leitor religioso precisa levar. Ele acusou a religião confortável de ser fuga: gente que despreza esta vida como sala de espera, adiando tudo para o além. E as pistas... concordam com ele. Lembre do capítulo 8 (*Saber Não Liberta*): os que voltaram receberam a resposta e *foram mandados de*

volta — a lição unânime é que esta vida importa, que é aqui que algo precisa ser feito, vivido, erguido. Nenhum relato diz "despreze o mundo". Nietzsche e a luz, espantosamente, dão a mesma bronca. O amor fati dele — amar o próprio destino, sem ressentimento — rima com a aceitação que os experienciadores trazem na mala. E o eterno retorno? Aqui está o sorriso prometido. Nietzsche propôs, como *experimento mental*, o teste supremo: viva como se fosse reviver tudo, eternamente. Pois a revisão de vida é quase exatamente isso — *implementado*. Você revive tudo, sim — mas com uma correção que Nietzsche não previu e que muda o jogo: revive *do lado de dentro dos outros*. O teste não é "você suportaria sua vida de novo?"; é "você suportaria sua vida sentida por todos que a atravessaram?". O filósofo que negou o além descreveu, sem querer, a mecânica do juízo. A história tem dessas ironias — e eu suspeito que Deus tem senso de humor.

E Nietzsche não estava sozinho no abismo; ele só chegou com séculos de atraso. O Eclesiastes já tinha morado lá — "vaidade das vaidades, tudo é vaidade" está *dentro* da Bíblia, o niilismo hospedado no próprio cânon, como se a tradição soubesse que a dúvida radical também é parte do caminho. Marco Aurélio, imperador estoico, escrevia lembretes da própria morte não para desesperar, mas para afiar a

presença: é a finitude que dá peso à hora. E Camus, no século XX, propôs a resposta ateia mais digna já formulada: Sísifo empurrando a pedra eternamente, sem esperança e sem apelação — "é preciso imaginar Sísifo feliz". Diante de um ateu que vive com amor e integridade *sem esperar recompensa alguma*, tiro o chapéu sem ironia: há uma pureza ali que muitos crentes deveriam invejar — o capítulo 7 (*Nem Toda Alma Chega da Mesma Forma*) já desconfiava que a régua do coração registra isso com carinho.

Então, o que as pistas insinuam sobre o sentido? Deixe-me tentar a síntese com uma imagem. O niilista diz que o livro da vida está em branco — não há sentido, nunca houve. O dogmático diz que o livro já chegou pronto — o sentido foi todo ditado, é só obedecer. E a revisão de vida sugere uma terceira coisa, mais estranha e mais bonita que as duas: o sentido estava sendo escrito o tempo todo — nos outros. Cada gesto seu foi tinta na consciência de alguém: o que você fez ao porteiro, à filha, ao desconhecido do trânsito — tudo foi ficando registrado, não num caderno celeste, mas nas pessoas, do lado de dentro delas. A revisão apenas abre o livro e deixa você ler, pela primeira vez, o que passou a vida escrevendo. O sentido da vida, se as pistas valem, não é inventado (contra Nietzsche) nem ditado (contra o dogmático): é co-escrito — e a tinta é a vida dos outros.

O que nos entrega à última pergunta do voo. Se cada vida escreve nas outras — o que estamos escrevendo juntos? Feche o zoom do indivíduo. Abra o da espécie.

CAPÍTULO 15

Nós, Como Espécie

Este capítulo pede o dobro da prudência, e vou dizer o porquê antes de começar. Quando a especulação sobe do indivíduo para a humanidade, ela passa rente a dois abismos: a profecia (prever o que vem) e a política (recrutar o além para o meu partido). Não farei nenhum dos dois. O que segue é filosofia da história no modo mais humilde: perguntar o que as pistas insinuariam sobre *como ler* a aventura humana — não sobre como ela termina, nem sobre em quem votar.

As pistas, então — porque até no voo livre este livro decola de pista. Primeira: entre os efeitos mais documentados nas pessoas que voltam está um alargamento estranho do círculo — preocupação ecológica, senso de humanidade una, a sensação de que "todos são meus". Segunda, e mais curiosa: repare no que *não aparece* na revisão de vida. Ninguém — em milhares de relatos — conta que lhe perguntaram a nacionalidade. Nenhuma revisão exhibe fronteiras, bandeiras, PIB, denominação

religiosa, partido. As categorias que organizam noventa por cento do noticiário simplesmente *não aparecem* do outro lado da fresta. O que comparece: pessoas, e o que passou de uma para outra. A moeda de lá parece ter uma única face — o que um coração fez a outro. Terceira pista, herdada do capítulo 4: o transcendente fala a língua *de cada* povo — o que sugere que a diversidade dos povos não é um acidente a corrigir, mas uma cortesia a preservar. Os vitrais são muitos de propósito.

Agora o voo. Se a contabilidade real da história é essa — pessoa a pessoa, gesto a gesto —, então o livro-caixa que os historiadores mantêm registra as capas, não o conteúdo. Tolstói, em *Guerra e Paz*, sustentou uma tese que os acadêmicos acharam excêntrica: a de que a história não é movida pelos Napoleões, mas pela soma infinitesimal de incontáveis atos humanos pequenos — e que o "grande homem" é mais boia que correnteza. A revisão de vida é a tese de Tolstói aplicada a uma alma; este capítulo apenas a devolve à escala dela. E se os "grandes eventos" da história — as coroações, as batalhas, os tratados — forem as notas de rodapé, e o texto principal for invisível: a professora que não desistiu do aluno, a vizinha que alimentou a criança do cortiço, o soldado que num segundo escolheu não atirar? Uma revisão de vida da *espécie* — imagine-a por um instante — teria que ser sentida do lado de

dentro de cada escravizado e de cada escravizador, de cada refugiado e de cada mão estendida. Não proponho a imagem para nos afogar em culpa; proponho para recalibrar a palavra "grande". Talvez estejamos, há milênios, aplaudindo o rodapé.

E há um espelho recente disso, vindo do lugar mais inesperado: o espaço. Astronautas de nacionalidades e credos diferentes relatam, com consistência que já ganhou nome — o efeito de visão geral —, a mesma comoção ao ver a Terra de fora: as fronteiras *não existem*. Vistas de cima, não há linhas no chão. Muitos choram; vários voltam transformados, com o mesmo alargamento de círculo dos nossos experienciadores. Repare na simetria quase escandalosa: afaste a consciência do corpo, e as divisões entre pessoas revelam-se convenção; afaste o corpo do planeta, e as divisões entre povos revelam-se desenho de mapa. Duas distâncias, a mesma lição. Como se a verdade sobre nós só ficasse visível de longe — e nós insistíssemos em viver colados demais no espelho para vê-la.

O "e se" final, então, com toda a modéstia combinada: e se a maturidade de uma civilização for exatamente isto — a espécie aprender, *sem precisar morrer*, o que os indivíduos aprendem na fronteira? Que as categorias reais são pessoas e amor; que polarização é a versão coletiva daquele estado de

resistência do capítulo 6 (*As Que Voltam Assustadas*) — e que resistência, lá como cá, só encontra resistência; que as guerras religiosas foram séculos de sangue derramado por causa das cores dos vitrais, enquanto a luz, paciente, esperava atrás de todos eles. Não é utopia; o capítulo 8 nos vacinou contra achar que saber basta. Saber não liberta o indivíduo — e não libertará a espécie. O currículo está disponível; nada garante que faremos o curso. Mas talvez seja este o resumo mais honesto da condição humana que as pistas oferecem: somos uma espécie que já recebeu a lição inteira, milhares de vezes, pela fresta — e que decide, a cada geração, se vai ou não fazer o dever de casa.

Fim do voo. Recolha a mesinha, volte a poltrona à posição vertical. Falta só a despedida — e ela é curta, porque despedidas boas são curtas.

EPÍLOGO

Uma Fresta, Não Uma Porta Aberta

Voltemos, você e eu, ao instante em que tudo começou: aquele espaço entre um batimento e o próximo — quando existe um próximo. Foi por essa fresta que entramos, dezesseis capítulos atrás. É diante dela que nos despedimos. E note o que não aconteceu na viagem: a porta não se abriu. Eu avisei que não se abria. Você não tem, agora, a fotografia do outro lado — e desconfio que, se eu a tivesse prometido, você teria fechado o livro na segunda página, com razão.

O que você tem é outra coisa. Tem o inventário de uma fresta olhada com honestidade: um viés declarado na entrada e auditado até o fim; o ceticismo sentado na cadeira da frente, com direito a fala completa; as pistas — a convergência que os sonhos não têm, a lucidez onde não deveria haver nenhuma, o currículo que as alucinações não possuem; a sombra encarada sem maquiagem; a planilha do mérito aposentada; a lição mais dura — que nem saber liberta; os limites confessados um a um; os mapas das tradições comparados sem coroação; e, por fim, um voo de imaginação que decolou de pista e pousou em humildade. Se este livro funcionou, ele não mudou o que você sabe sobre a morte. Mudou a sua *postura* diante dela — e, se tudo deu certo, diante da vida.

Duas dívidas ficam registradas antes do abraço.

A primeira é com o futuro — e é um apelo. Tudo o que este livro reuniu foi colhido num campo que a ciência ainda lavra com vergonha. Pesquisadores contam nos dedos os financiamentos; experienciadores levam dez anos para contar o que viveram, com medo do riso; e cientistas brilhantes desviam o olhar do fenômeno não por falta de dados, mas por excesso de constrangimento — como se curiosidade fosse credulidade. Não é. Recusar-se a olhar não é rigor; é apenas medo com diploma. Que caia o preconceito: o fenômeno existe, é frequente, transforma vidas e acontece diariamente em cada hospital do mundo. Ele merece telescópios, não cochichos. Imagine o que vinte anos de pesquisa séria, bem financiada e sem vergonha poderiam fazer pela pergunta mais antiga da humanidade.

E por isso a segunda dívida, que é uma promessa: *este livro se compromete a envelhecer*. Ele foi escrito com as pistas disponíveis em sua época — e se a ciência avançar, se novos estudos iluminarem o que hoje é penumbra, este livro será revisto, corrigido e reeditado, com as mudanças à mostra. Considere esta a primeira edição de uma conversa, não a última palavra de um monólogo. Um livro sobre humildade diante do mistério que se recusasse a aprender seria uma piada de mau gosto — e das longas.

E você? O que leva da viagem? Se me permite escolher a bagagem de mão: leve a única prudência que as pistas realmente recomendam — viver de um modo que a revisão da sua vida seja suportável de assistir, do lado de dentro de cada pessoa que cruzou com você. Leve a régua nova — medir-se contra o próprio ontem, nunca contra a vitrine alheia. Leve a dignidade da sua dor — que não é prova de fracasso, mas talvez o próprio dever de casa. E leve a mala leve: das coisas que atravessam a fronteira, os relatos são unânimes, só o amor passa pela alfândega.

Um dia — não sabemos quando, e está tudo bem não saber — a porta se abre para cada um de nós. Sem fresta, sem volta, e sem notas: lá, imagino, ninguém mais precisa de anotações.

Até lá, ficam estas. E fica o último segredo do título, que guardei para agora: *notas* são também aquilo de que a música é feita. Estas páginas foram apenas a partitura — rabiscada a lápis, cheia de rasuras, de quem ouviu a melodia por uma fresta e tentou transcrevê-la.

A música, cada um toca com a própria vida.

Toque a sua.

— F I M —

Filosofia da Lucidez · filosofiadalucidez.com · @andrerigonato

Primeira edição digital · Julho de 2026

Este livro se compromete a envelhecer: será revisto conforme a
pesquisa avançar.